

O “ABSOLUTO IMACULADO DO BRANCO” AO SERVIÇO DE UM TEXTO

ARTUR ANSELMO

Presidente da Academia das Ciências de Lisboa

Palavras – chaves: Marcas-de-água, Textologia, Semiótica

Entre 1944 e 1946, em edição da Seara Nova, publicou Irene Lisboa dois volumes a que deu o título de Inquérito ao livro em Portugal: o primeiro («Editores e livreiros») é constituído por entrevistas aos responsáveis, nessa época, pela produção e distribuição de livros portugueses; o segundo («A arte do livro») é dedicado a aspectos técnicos e estéticos da actividade gráfica. Obra hoje raríssima, impressa em papel de péssima qualidade, faz parte da bibliografia indispensável ao conhecimento da história da edição em Portugal no século XX.

No segundo volume do Inquérito ao livro reproduz Irene Lisboa, entre outros depoimentos, os que lhe enviaram, expressamente para o efeito, Luís de Montalvor, fundador da Editorial Ática, e Luís Reis Santos, fundador da Editorial Ulisseia.

Trata-se de dois testemunhos da maior importância, pese embora o facto de visarem fins diferentes: em Montalvor, o objectivo é a exaltação do “poder e dignidade das leis da arte gráfica”, que asseguram, pela sua arquitectura, a intemporalidade de uma página impressa; em Reis Santos relevase a necessidade da escolha do tipo de papel mais adequado ao texto impresso, juntamente com outros elementos que proporcionam a aliança das componentes matriciais da arquitectura gráfica.

Citando Mallarmé (“escrever é esvaziar essa treva e estrelar de mistério humano o absoluto imaculado do branco”), Montalvor usa as palavras do seu tempo, identificando a treva com o tinteiro dos anos 40, como alguém que dissesse: «ao molhar a pena no tinteiro, cubro de letras o papel em que escrevo.» A este gesto, articulado com a mente, chama Montalvor «a conquista do espaço branco do papel pela criação literária, pelo esforço do autor.»

Por seu lado, descendo à terra, o historiador de arte que foi Luís Reis Santos declara: «Para que uma edição bibliográfica seja verdadeiramente bela, não basta cada uma das partes correspondentes ser de boa natureza e os elementos que entram nelas estarem bem proporcionados: é necessário haver concordância entre as ideias expressas e a forma empregada para as transmitir; é indispensável que a tipografia, a ilustração, o papel e a impressão – que constituem, por assim dizer, o corpo do livro – sejam a expressão gráfica e plástica do texto, que corresponde à parte íntima, à sua alma.»

No momento em que engenheiros, industriais e historiadores do papel se juntam em Santa Maria da Feira para abordarem temas da sua especialidade, talvez seja oportuno acentuar a ligação indissociável entre o «absoluto imaculado do branco» e o seu consumidor quotidiano: o texto.

Entre o papel e os pictogramas do texto (entendidos no mais amplo sentido, isto é, de significantes visuais de qualquer espécie) há – para usarmos a terminologia heráldica – uma íntima correlação de um corpo com uma alma. Entenda-se por «corpo» a idealização simbólica da marca-de-água e por «alma» a legenda que a acompanha, autenticando o nome do fabricante, seja por extenso ou por siglas, seja por motes ou divisas.

À semelhança do que ocorre, por exemplo, nas marcas inscritas em peças de barro ou de cerâmica (como nas ânforas romanas, recentemente estudadas em magníficas publicações da Union Académique Internationale), são os corpos e as almas dos fabricantes de papel verdadeiros sinais distintivos da sua actividade num determinado ramo. Marcas de artífices, podem estar relacionadas – como sucede na conhecida mão-e-estrela do período incunabular – com determinadas regiões (signos motivados) e virem a perder mais tarde esse carácter (signos imotivados ou arbitrários).

Em qualquer caso, o corpo e alma serviram, ao longo dos séculos, e servirão sempre como suportes materiais de textos manuscritos e impressos. Nesse sentido, são objectos insubstituíveis, pelo facto de terem evidente capacidade distintiva em relação a outros produtos da mesma espécie. Especialistas da heráldica livreira, como Albino Forjaz de Sampaio ou Armando de Matos, consideravam que, pela leitura da legenda (ou alma) de certos ex-libris, poderíamos traçar um retrato psicológico dos seus possuidores. Com as marcas do papel ter-se-á passado algo de semelhante em tempos imemoriais, mas a tendência para a despersonalização acentuou-se a partir do século XX e suplanta hoje, largamente, os poucos traços identitários que ainda subsistem no mercado internacional.

EL “ABSOLUTO INMACULADO DEL BLANCO” AL SERVICIO DE UN TEXTO

ARTUR ANSELMO

Presidente da Academia das Ciências de Lisboa

Palabras clave: filigranas, estudio de textos, semiótica

Entre 1944 y 1946 publicó Irene Lisboa, en una edición de Seara Nova, dos volúmenes a los que dio el título *Cuestionario al libro en Portugal*: el primero (*“Editores y libreros”*) está compuesto por entrevistas a los responsables, en esa época, de la producción y distribución de libros portugueses, el segundo

(“*el arte del Libro*”) esta dedicado a aspectos técnicos y estéticos de la actividad gráfica. Obra hoy en día rarísima, impresa en papel de pésima calidad, pero que forma parte de la bibliografía indispensable para el conocimiento de la historia de la edición en Portugal en el siglo XX.

En el segundo volumen del *cuestionario al libro*, Irene Lisboa reproduce, entre otros temas que le enviaron para este tema los de Luis de Montalvor, fundador de la Editorial Ática y Luis Reis Santos, fundador de la editorial Ulisseia.

Se trata de *dos testimonios* de la mayor importancia, aunque intentaban alcanzar fines diferentes: en Montalvor, el objetivo es la exaltación del “poder y dignidad de las leyes de las artes gráficas” que dan fe, por su arquitectura, de la intemporalidad de una página impresa; en Reis Santos se revela como una necesidad de elegir el tipo de papel mas adecuado a un texto impreso, junto con otros elementos que proporcionan la unión de los componentes de las matrices de la arquitectura gráfica.

Citando a Mallarmé (“escribir es vaciar de esa obscuridad e iluminar del misterio humano el absoluto inmaculado del blanco”), Montalvor utiliza las palabras de su tiempo, identificando la obscuridad como el *tintero* de los años 40, como si alguien dijese: al mojar la pluma en el tintero, cubro de letras el papel en el que escribo”. A este gesto, articulado con la mente, llama Montalvor “la conquista del espacio blanco del papel por la creación literaria, por el esfuerzo del autor”.

Por otra parte, bajando a la tierra, el historiador de Arte Luis Reis declara: “Para que una edición bibliográfica sea verdaderamente bella, no es suficiente con que cada una de las partes que la componen sea de buena calidad y los elementos que la componen estén bien proporcionados: es necesario que haya concordancia entre las ideas expresadas y la forma utilizada para trasmitirlas; es indispensable que la tipografía, la ilustración, el papel y la impresión – que constituyen el cuerpo del libro – sean la expresión gráfica y plástica del texto, que corresponde a la parte íntima, a su alma”.

En el momento en que los ingenieros, industriales e historiadores se unen en Santa María da Feira para abordar temas de su especialidad, talvez sea oportuno acentuar la unión indisoluble entre el “absoluto inmaculado del blanco” y su consumidor cotidiano: el texto

Entre el papel y los pictogramas del texto (entendidos en el más amplio sentido, esto es, de significantes visuales de cualquier especie) hay – para usar terminología heráldica – una íntima correlación de un *cuerpo* con un *alma*. Entendiéndose por “*cuerpo*” la idealización simbólica de la filigrana y por “*alma*” la leyenda que le acompaña, autenticando el nombre del fabricante, ya sea completo o por siglas, o por escudo o divisas.

A semejanza de lo que ocurre, por ejemplo, en las marcas inscritas en piezas de barro o de cerámica (como en las ánforas romanas, recientemente estudiadas en magníficas publicaciones de la Union

Académie Internationale) son los *cuerpos* y las *almas* de los fabricantes del papel, las verdaderas señales distintivas de su actividad en una determinada especialidad. Las marcas de artífices, pueden estar relacionadas – como sucede en la conocida mano con estrella del periodo de los incunables – con determinadas regiones (signos parlantes) que, mas tarde, pasaron a perder ese carácter (signos casuales o arbitrarios).

En todo caso, el *cuerpo* y el *alma* han servido a lo largo de los siglos, y servirán siempre como soportes materiales de textos manuscritos o impresos. En este sentido, son objetos insustituibles, por el hecho de tener una evidente capacidad distintiva en relación a otros productos de la misma especie. Especialistas en heráldica bibliófila consideraban que por la lectura de la leyenda (o *alma*) de algunos *ex libris*, podríamos trazar un relato psicológico de sus poseedores. Con las filigranas ha pasado algo similar en tiempos inmemoriales, pero la tendencia a la despersonalización se acentuó a partir del siglo XX, y suplantó hoy, ampliamente, los pocos trazos identificativos que todavía subsisten en el mercado internacional.